

O LEITOR E O TEXTO NO CONTEXTO CIBERCULTURAL: UM OLHAR SEMIOLÓGICO SOBRE AS PRÁTICAS LEITORAS DO SÉCULO XXI

Fernanda Donato
phernandadonato@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/8068194739146235>

RESUMO

Nas entrelinhas das experiências leitoras, desde os primórdios, podemos perceber o reflexo das relações histórico-sociais humanas: a leitura possibilita ao homem uma melhor compreensão de sua realidade, ao mesmo tempo em que delinea o modo como seu universo cultural e social flui: a palavra que liberta pode ser mesma que, em outro momento, pode aprisionar. Nesse caminhar, observamos no final do século XX, o remodelar do objeto texto e a possibilidade, através da escritura cibercultural, de uma mudança de paradigmas por parte do leitor. Nessa tessitura, vimos surgir questionamentos acerca da legitimidade textual e seu valor estético, em contraposição ao respeitável diálogo do leitor e o texto acessível nas páginas de um livro. Desta forma, tencionamos discutir neste estudo, as relações semiológicas existentes entre texto de livro-objeto e livro digital e o leitor receptivo do universo sógnico, considerando as potencialidades que emanam desses diálogos.

Palavras-chave: Leitor. Texto. Cibercultura. Semiose.

As coisas que amamos,
as pessoas que amamos
são eternas até certo ponto.
Duram o infinito variável
no limite de nosso poder
de respirar a eternidade.

Carlos Drummond de Andrade

Imersa em nostálgicos pensamentos, encontro-me diante de um grupo de 27 alunos, da classe de alfabetização, onde leciono língua inglesa. Ávidas por habitar no universo das letras, as crianças acompanham com entusiasmo cada nova apresentação silábica feita pela professora titular e festejam suas aquisições lingüísticas, na língua

materna, como se penetrassem em um inexplorado mundo encantado. A magia deste momento é o fato que, adquirir a capacidade leitora, isto é, tomar conhecimento do código e assim, poder identificar os signos verbais, marca o momento de transição de um cenário obscuro para um maravilhoso panorama a ser desvelado. Sentem-se então, parte do jogo social; entendem que deram um importante passo no caminhar em busca de sua autonomia, pois, segundo Freire,

(...) aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica da palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE. 2008, p.08)

O ato de ler é uma prática concernente a todos os humanos, pois envolve a apreensão de signos – verbais ou não. Nesse prisma, temos que, para acontecer a leitura é necessário que signos sejam decodificados, e que o leitor tenha um conhecimento mínimo necessário para a apreensão da mensagem. Sob lentes semiológicas, entendemos que o vivemos em um universo textual e que as leituras acontecem a todo momento, por meios diversos. Para Manguel, ao ato da leitura assemelha-se ao ato de respirar; ambos são necessários ao homem.

Muitas ponderações acerca da leitura e do texto escrito têm sido apresentadas. Há muito entende-se que uma sociedade que deseja caminhar dignamente, com liberdade de ideias e expressão para todos, precisa ser composta por indivíduos que possuam a habilidade de leitura desenvolvida e amplamente apoiada. As palavras têm o poder de despertar o imaginário e por ele serem despertadas, como aponta Wittgenstein,

as palavras só adquirem significado no fluxo da vida; o signo, considerado separadamente de suas aplicações, parece morto, sendo no uso que ele ganha seu sopro vital.” (apud COSTA, 2003:38)

Nos entrelaçamentos de linhas, as formas como as palavras apresentam-se, semântica ou sintaticamente, definem a natureza de um texto. Na multiplicidade de combinações, estabelecem-se os vários tipos textuais – o publicitário, o jornalístico, o científico, o religioso, o jurídico, o mítico, o filosófico e o poético. Em nosso estudo, refletiremos sobre a importância e as transformações que vêm ocorrendo na leitura do texto literário, o que não acarretará, desta forma, um menosprezo no que tange aos textos não-literários, pois entendemos que todo ato de leitura, assim como as tentativas e práticas concernentes a esse ato, são merecedores de atenção por possibilitarem o

desenvolvimento da capacidade leitora. No âmago de nossas reflexões acadêmicas, vimos ser necessário margens à reflexão acerca da literariedade de um texto escrito:

a forma latina litteratura nasce de outra palavra igualmente latina: littera, que significa letra, isto é, sinal gráfico que representa, por escrito os sons da linguagem.(...) Insinua-se, por aí, uma estreita relação entre a palavra literatura e a noção de língua escrita, pergaminho com iluminuras, papel impresso, etc.” (LAJOLO, 1991, p28)

A literatura, uma das linguagens da arte, verifica-se no desaguar de leitor e texto; em que a fruição acontece como resultante de um diálogo descomedido no universo da linguagem. Isso acontece porque os signos lingüísticos – as palavras - têm o poder de provocar o imaginário do leitor. Signo é aquilo que está no lugar do outro; a ausência e a presença. Na leitura de um poema do poeta português Eugénio de Andrade, Mucci destaca “ a força e a fraqueza das palavras, que são signos de nossa sina, quer sejamos ou não literatos, pois somos todos leitores e fazedores de signos, sobretudo de signos lingüísticos.”

Essa fruição ocorre pois o homem encontra na arte as perguntas e as respostas que no seu fazer cotidiano não estão acessíveis. Como expõe Fischer, “arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como um todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias.”

Essa apresentação faz-se importante à medida que, de forma não “pré-conceituosa”, permite que incluamos o meio digital como fonte contendora de textos literários, pois não estabelece o objeto-livro como a única possibilidade de apresentação da arte literária. A assertiva expõe um receio acerca da debilidade do livro como resultante do crescimento de acesso de obras de arte literária no meio virtual, fato que contribui para a recusa em conceber o texto digital como uma possibilidade de realização da literatura. Além disso, podemos constatar historicamente, que o surgimento e a ascensão de um novo meio não implica no declínio do anterior. Segundo Santaella, o advento do texto eletrônico não determina o desaparecimento do texto impresso. Ela apresenta que a mudança de suporte – do papel para o meio eletrônico, como no caso, não vem a ser uma novidade na história da humanidade. Num movimento contínuo, de trocas e transformações, a cultura perpetua-se.

Contudo, o que temos observado em nossa prática profissional, é o desconhecimento e, conseqüentemente, não aproveitamento das possibilidades de

apresentação e apreensão do texto literário no meio digital, de um modo geral, no ambiente acadêmico. Isso acontece devido a uma série de fatores, dentre os quais podemos citar, a insuficiência de equipamentos nas escolas e o despreparo dos docentes quanto ao uso de tecnologia. Nessa forma, categoriza-se o ambiente cibernético, reduzindo-o a objeto de entretenimento.

As críticas, em sua maioria, recaem na forma e nos motivos pelos quais a web é utilizada, principalmente pelos usuários em idade escolar. E-mails, sites de relacionamentos, conversas instantâneas; se não se configuram como atos formais de composição e leitura textuais, de acordo com as normas acadêmicas, podem servir de portais de acesso à leituras de qualidade.

Há de se observar, contudo, que o grande número de acessos virtuais em nosso país, principalmente na região sudeste, não demonstra, essencialmente, que aconteçam significativos atos de leitura no ambiente virtual. Na pluralidade de opções textuais oferecidas na internet, corre-se o risco de ler-se tudo e nada, simultaneamente. A apreensão dos signos verbais é desvirtuada pelo hibridismo das apresentações: uma mescla de imagens, sons e palavras, que, num jogo de sedução, preenchem o imaginário do leitor, sem deixar-lhe os espaços imprescindíveis à fruição. É o leitor, na apreensão dos significantes e atribuição dos significados quem revitaliza o texto e por este refaz-se: Manguel apresenta que “interpretação, exegese, glosa, comentário, associação, refutação, sentido alegórico e simbólico, tudo advinha não do próprio texto, mas do leitor”.

Algumas inquietações em relação às práticas leitoras de nosso século fundamentam-se na mudança de um estado confortável de ação: o posicionamento corporal do leitor de livros difere perante um texto digital. Na leitura de um livro, por exemplo, há a possibilidade de escolha de um ambiente propício, visto que o objeto livro, com exceção de alguns casos, é de fácil portabilidade e acesso. Por outro lado, a leitura de um livro digital fica condicionada a múltiplos fatores que excedem a relação leitor-objeto, como a disponibilidade de uma máquina ou de recursos necessários ao seu funcionamento, como energia, por exemplo. Chartier, ao delinear uma segura distinção entre as práticas leitoras, faz uma reflexão sobre a estruturação do texto nos diferentes suportes, ressaltando a inevitável mudança na maneira de ler, expressa que “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas maneiras de ler”.

Um estudo comparativo entre os suportes – gráficos e digitais - de uma obra de arte literária seria de grande valia na discussão em questão. Entretanto, o foco de nosso olhar baseia-se na relação, ou relações, que o leitor pode entretecer com as palavras de uma obra de arte literária. A essência da questão consiste na relação leitor - obra de arte; onde, mesmo que envolto nas tessituras do jogo lingüístico, tal como Chartier afirma, “o leitor encontra a liberdade de deslocar e subverter aquilo que o livro o impõe”.

Os meios, livro-objeto e livro digital, do latim *mediu* – aquele que dá passagem ou serventia, ou serve de comunicação – não representam a coisa: o importante é o ato de leitura. É no texto que o jogo da linguagem acontece, em que o desejo do leitor encontra a perversão, o prazer, “a imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. A hora do cansaço. In: Corpo. Rio de Janeiro: Record, 1984.

CASTRO, Manuel Antônio de. Poética da leitura. Material de aula. Rio de Janeiro, 2007.

CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COSTA, Cláudio. Filosofia da linguagem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FISCHER, Ernst. A necessidade da arte. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1971.

FREIRE, Fernanda (org.). A leitura nos oceanos da internet. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 49. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LAJOLO, Marisa. O que é literatura. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado. Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2000.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MUCCI, Latuf Isaias. Signo. In: Edicionário de termos literários. Disponível em www2.fcs.unl.pt/edtl. Acesso em agosto/2009.

_____. Texto. Ibidem. Acesso em maio/2009.

OSBORNE, Haroldo. Estética e Teoria da Arte. Trad. de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1978.

SAMUEL, Rogel (org.). Manual de teoria literária. Petrópolis: Vozes, 1984.

SANTAELLA, Lucia. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SOBRE A AUTORA

Fernanda Donato possui mestrado em Ciência da Arte (subárea Literatura) pela Universidade Federal Fluminense (2007) e graduação em Português/ Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997). Atualmente é professora de Semiologia da Imagem, Língua Inglesa e Língua Portuguesa da Universidade Estácio de Sá. É orientadora de pesquisas de pós-graduação em Língua Portuguesa, na área de Leitura e Formação do Leitor, com projetos voltados para o ensino fundamental e médio de escolas públicas do Rio de Janeiro.